O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

ANO 35.º — Sábado, 28 de Fevereiro de 1942 — N.º 1721

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Ao cabo de 34 anos de jornada, nem sempre isenta de perigos, a nossa rota prossegue

Nos arquivos da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro deve existir uma acta, ditada por quem exerceu funções de presidente dêsse organismo local, onde se lê:

«O Democrata» conta no número dos seus assinantes de Aveiro 20 doutores (hoje ultrapassa) **e além dêsses, muitos negociantes, industriais, professores, oficiais do Exército, empregados públicos, operários—a cidade em pêso.**

E noutra parte, adiante:

«O Democrata» conta no número dos seus assinantes tudo quanto há em Aveiro de mais preponderante e de mais influência. Quere dizer — a cidade inteira.

Eis, portanto, explicada a razão porque, até hoje, nos temos mantido e não baqueámos, nem perante as mais bravas perseguições dos nossos inimigos ou em face das crises que têm assoberbado o país e pondo em risco a vida da imprensa regional. E' que o *Democrata* consolidou-se de tal maneira sob a direcção de quem estas linhas escreve, que tudo — mas absolutamente tudo! — há caído, impotente, diante da fôrça moral que os períodos acima transcritos reflectem.

Com que desvanecimento o constatamos!

* * *

São decorridos 34 anos. O jornal volta ao antigo formato dos primeiros tempos devido às dificuldades em obter papel a preço razoável e às outras despêsas, também elevadíssimas, que sôbre êle impendem na presente ocasião. Desejaríamos ir mais longe para assim correspondermos ao acolhimento que nos dispensam, mas a situação é de tal natureza que não sabemos como desembaraçar-nos dela. Porém, não nos consideramos perdidos ainda. A luta foi, desde a primeira hora, o que mais contribuiu para a construção desta barricada aonde se combateu contra a monarquia que, completamente desacreditada e sem apoio, teve de ceder o lugar à República. Depois vieram as campanhas contra os que nal serviam as novas instituições, o que deu lugar a um período agitadíssimo, ao qual ainda outro se seguiu cheio de indignidades com o fim de nos inutilizarem. Todavia, o *Democrata* a tudo resistiu, felizmente, e enceta novo ano — confiado no futuro.

Portugal, a República e Aveiro, são a triologia a que obedece a nossa existência na presente conjuntura.

Ama com fé e orgulho a terra onde nasceste — disse Olavo Bilac. Pois bem: amando Aveiro, esta pequenina parcela de Portugal, compreende-se que, para a honrar, não podemos torcer caminho. Por isso, somos hoje o que eramos ontem e o que esperamos ser sempre, embora haja quem, às vezes, pretenda malsinar, desvirtuando-as, as nossas atitudes.

TIMOR

Nunca a real situação da guerra, que a humanidade atravessa nêste momento, foi tão pungente e tão amarga.

Depois os povos pequenos e fracos e sem vastos recursos de guerra, só tem para fazer face à tempestade levantada pela luta feroz dos imperialismos económicos, os seus princípios morais, as suas razões jurídicas, a sua justa, nobre e inabalável fé no triunfo e na supremacia do direito—conquista lenta repassada de sacrifícios e de dôres, conquista imperfeita e sem sólida base de defêsa das suas perrogativas, mas que é, a-pesar-de dos seus fundamentos precários, uma conquista, uma vitória da própria humanização da pessoa, da sociedade e do Estado.

A exposição cheia de nitidez, de sinceridade e de perfeita enunciação e interpretação dos factos lamentáveis, feita com a mestria habitual do sr. Presidente do Conselho, pôz o país ao corrente das novas e gravíssimas complicações.

A atitude da comunicação, que traduz fielmente a posição internacional de Portugal, como nação observadora de rigorosa e austera neutralidade, é lógica e modelar de correcção, de verdade e de desassombro.

Doutrinária e diplomáticamente, Portugal, desde o inicio da nova guerra europeia e mundial, pôz e estabeleceu princípios de lisura incontestável e é à luz dêles, que caminha por entre o desencadeamento violento dos factos.

Portugal, pela voz de Salazar protestou, portanto, dentro da lógica, da coerência, da razão ou do justo e sereno equilíbrio dos princípios de direito e de moral internacional, contra a violação da nossa soberania pela Inglaterra. E, agora, com a mesma razão e com a mesma lógica, formulou o seu sentido protesto contra a violação da nossa integridade territorial pelo Japão.

Mas justa e dignificadora como é a nossa posição, que é própria do Estado português e do próprio espírito clarividente e superior do Chefe que nos guia, não se hesitou em prestar justiço à boa-fé e à boa vontade da nossa secular aliada Inglaterra, à qual se dedicam estas nobres e exactas palavras:

«E' razoável que seja também eu a fazer dêste mesmo lugar justiça à lealdade com que o govêrno inglês confessara termos cabal razão para protestar, à sinceridade com que sentiu o agravo feito e à amizade com que se empenhou em fazer aceitar a fórmula capaz de restabelecer na ilha uma situação impecável.»

A clara e cortez exposição de Salazar finaliza por lamentar que novas e escusadas violências caiam sôbre o mundo, já tão cançado delas, desprezando direitos soberanos, cuja legitimidade não se pode, nem se pensa em contestar.

Sempre nesta tribuna assim pensamos e assim escrevemos. Não só porque é essa a inteligência e a alma da nossa doutrina nacionalista, mas até por êste pensamento de comesinho bom senso e de criterioso e iluminado egoísmo humano, que nos leva a reprovar todas as violências e todos os actos de força inuteis, seja contra quem fôr, porque também um dia se poderiam desencadear contra nós.

Os tempos que correm são duros, sem dúvida alguma, mas não somos só nós os atingidos—é a humanidade inteira.

Entretanto confiemos na razão e na justiça dos nossos direitos, que precisamente por serem reflexo e projecção de direitos eternos, de direitos ja integrados na consciência humana, hão-de ter pela prudência e pela clarividência dos nossos Chefes, a sua hora de desagravo e de legítima reparação.

J. CARREIRA

«O Democrata»

—x—

Ao jantar de confraternização dos colaboradores dêste jornal assistiram os mesmos convivas do ano passado: *Zèmi*, pseudónimo duma distintíssima senhora que tanto honra a cidade pela sua cultura, demonstrada, semanalmente, nas cartas que subscreve; o dr. Alberto Souto, inteligência privilegiada, advogado, arqueólogo e publicista; os irmãos Carlos e Gervásio Aleluia, que sempre que é preciso enriquecem estas colunas com o que necessitamos da sua especialidade; o dr. José Vieira Gamelas, médico, o administrador do jornal e a filha de quem o dirige.

J. Carreira não pou de comparecer, mas enviou telegrama afectuoso, como outro recebemos, de particular estima, do velho amigo e condiscípulo, capitão Fonseca Faria, da Figueira da Foz.

Foram duas horas de convívio bem passadas na elegante e confortável sala de mesa do *Arcada-Hotel*, tendo, no final do repasto, estalado garrafas do *Barrocão*, que, em taças, se serviu aos convivas para acompanharem os brindes.

E assim, na maior intimidade, decorreu a passagem do 34.º aniversário do *Democrata*.

Horário dos combóios

Continuam as reclamações, quási todas bem fundamentadas, contra o serviço dos combóios nas linhas da C. P.

Resta saber se serão atendidas, visto estarmos acostumados a ver ligar pouca importância aos assuntos de interêsse público.

Assembleia Nacional

Encerrou-se, no sábado, a II Legislatura ao cabo de quatro anos de exercício, devendo a eleição dos deputados para a que se vai seguir realizar no mês de Abril.

O TEMPO

A chuva persiste em não caír com a abundância desejada, parecendo que estão entupidos os reservatórios celestiais. Porque o que caíu ùltimamente era mais neve do que outra coisa. E sendo assim, o próximo ano agrícola não deve ser dos melhores.

Mas—*Deus super omnia*...

Club dos Galitos

Agradecemos aos novos corpos gerentes desta prestante colectividade os cumprimentos que nos acabam de dirigir, muito estimando as suas continuas prosperidades.

A hora legal

Este ano os relógios vão sofrer quatro mudanças: a primeira do adiantamento de 60 minutos à meia noite de 14 de Março; a segunda, doutros 60 minutos, em 25 de Abril; a terceira, do atraso de 60 minutos em 16 de Agosto, e a quarta, de novo atraso de 60 minutos, no dia 24 de Outubro, para restabelecimento da normalidade.

Diz-se que assim se resolveu fazer em virtude das excepcionais circunstâncias do momento que passa e para proporcionar maiores facilidades à economia da nação, podendo até influir favoràvelmente nos hábitos e na vida dos portugueses.

Se manda quem pode, obedeça quem deve.

Ver sem ser visto

Um inventor britânico, Edwin Lane, descobriu um processo para a fabricação de um vidro, que denominou *galaroide*, o qual filtra os raios luminosos.

Esse vidro é composto de inúmeros pequenos cristais introduzidos numa matriz de celuloide.

Há milhões dêsses cristais em cada centímetro quadrado. A pessoa que estiver por detrás dêsse vidro pode ver tudo, mas os que estiverem do outro lado não vêem nada.

E' curioso e então duma utilidade.. Ver e não ser visto!

Sempre se inventam coisas...

Circulação de automóveis

—o—

Entra àmanhã em vigor o decreto-lei que proíbe a circulação dos motociclos e carros ligeiros não utilitários para passageiros.

Conseqüência da falta de gasolina.

Estatística macabra

Ainda dezoito anos depois do fim da outra Grande Guerra foram encontrados os corpos de 900 soldados britânicos, tombados nos campos de batalha da França e da Bélgica.

Dos 1.104.890 soldados ingleses mortos, 587.117 haviam já sido identificados e enterrados em cemitérios de guerra. Outros 180.361 foram encontrados, mas não identificados, de maneira que há ainda 336.000 classificados como perdidos.

Só na França e na Bélgica existiam 560.000 covais quando a guerra actual começou.

Em 1936 foram encontrados e re-enterrados 821 corpos em França e 63 na Bélgica, dos quais só 96 foram identificados.

A Inglaterra tinha, então, entrado na guerra para cumprir os seus compromissos para com a Bélgica neutral, ocupada pelas tropas do Kaiser.

Visitai o Parque da Cidade

CARTAS

Fevereiro de 1942

Minha amiga:

Conheço imensa gente que não se interessa pela leitura dos jornais, actualmente, por que vêm cheios de notícias da guerra e estas impressionam-nos; antigamente, por que só quási traziam anúncios e coisas sem importância...

Gôstos, e êstes não se discutem...

Eu, no entanto, gosto de ler os jornais, seja êle o grande periódico, bom e bem feito, seja o humilde jornaleco duma aldeia de Paio Pires.

Um jornal é um companheiro quási, que mentirá algumas vezes, mas que fala verdade tantas outras.

Cá em Aveiro, actualmente, há três semanários — o *Correio do Vouga*, católico, a *Acção Nacional*, de publicação recente, e o vélho *Democrata*, que no domingo passado fez mais um ano de existência e que é verdadeiramente um jornal local. E' por isso que êle é quási indispensável aos aveirenses, que a vida obrigou a saír da terra. Ainda há bem pouco tempo me disse alguém, que enquanto cá esteve raríssimas vezes lia o *Democrata*, mas logo que saíu o lê de ponta a ponta. Ele é bem pequeno, mas se fôsse maior lê-lo-ia na mesma. Diz essa pessoa que as *notas mundanas*, a *necrologia*, alfinetadas inofensivas a pessoas que conhece, fazem que ela não esteja absolutamente alheia à *política* e aos acontecimentos da terra...

Graças sejam dadas, pois, ao *Democrata*, parabens ao seu digníssimo Director e que o seu jornal tenha muitos e muitos anos de vida.

Quando, despreocupadamente, o abrimos, podemos lá imaginar quantos cuidados êle deu! Mas é sempre à custa de sacrifício, de persistência, de fôrça de vontade, que tudo se consegue.

Um abraço da

Zèmi

Significativa homenagem

Devendo deixar a gerência da filial do Banco N. Ultramarino de Viseu, em virtude de ter sido transferido para a Covilhã, foi na cidade de Viriato oferecido um jantar ao sr. José de Oliveira Barreto, que durante alguns anos aqui fez serviço, também, e aqui conta muitas amisades.

José Barreto, que é natural do próximo concelho de Vagos, agradeceu, no fim, a manifestação de simpatia, que bastante o sensibilisou, visto terem tomado parte nela muitas pessoas categorisadas, algumas representando colectividades.

Associando-nos, embora tarde, à homenagem dos visienses muito estimamos que na laboriosa cidade da Covilhã goze de igual estima e consideração, pois é sinal de que continua a dar as melhores provas como funcionário do Banco Ultramarino.

Procissões dos Passos

Se o tempo permitir, realizam-se àmanhã e depois nas duas freguesias, visto ainda não se ter conseguido um acôrdo entre as respectivas irmandades. E' que uma só procissão, como antigamente, no domingo, chegava.

Pelo Liceu

Acaba de oferecer ao Gabinete de Geografia uma colecção de objectos gentílicos o antigo aluno e antigo professor, sr. engenheiro José Pereira Zagalo, que há meses regressou da Guiné.

E' para agradecer.

Albergue de Mendicidade

Como dissemos no número anterior, acha-se em projecto a criação duma obra social de vulto e que muito está interessado o sr. capitão Firmino da Silva, comandante da Polícia, com quem estiveram, na segunda-feira, os representantes da Imprensa para o ouvirem, a seu convite, sôbre o assunto. Assim, serão recolhidos no Albergue os indigentes, inválidos e desamparados, as pessoas encontradas a mendigar ou suspeitas de exercerem a mendicidade e os menores de 16 anos em perigo moral. E à volta disto se trabalha afanosamente, tendo nós ocasião de constatar o esfôrço já empregado para o fim em vista, como seja dotar Aveiro com uma casa capaz de garantir aos necessitados aquilo que mais precisam—pão e agasalho.

A comissão instaladora e administrativa do Albergue compõe-se dos srs. capitão Firmino da Silva, dr. Francisco Soares, padre José da Cruz Pericão e dr. Joaquim Lopes de Almeida, que vai dirigir um apêlo à cidade no sentido de angariar fundos para o seu sustento. Preparem-se, pois, os aveirenses para colaborarem na iniciativa, convencendo-se das vantagens que traz e do bem que praticam. Estamos certos de que ninguém deixará de responder à chamada. Com o Albergue deve desaparecer a miséria das ruas. Com êsse hospício de caridade — chamemos-lhe assim — deve pôr-se um travão à pedincha de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos. Oxalá a população de Aveiro se leve, pois, em capricho, contribuindo com o que puder dar. O seu auxílio tem de pesar na balança. E' indispensável. Pela parte que nos diz respeito tê-lo-ão os que se empenham em dotar a nossa terra com uma casa de tanta utilidade como é um Albergue para a pobreza.

Mau cheiro

Tanto na Rua de Ilhavo como na de Sá o mau cheiro continua a ser permanente, devido ao sugo que escorre pelas valetas e que tão mal impressiona quem por ali passa.

Ao sr. Delegado de Saúde de novo se pedem providências.

Cultura italiana

Ao mesmo tempo que continuam, com o maior interêsse, os cursos de língua italiana nas várias localidades do país, o Instituto organizou em Lisboa, durante o corrente mês, algumas manifestações culturais, tais como: o VII serão do Grupo dos Amigos da Cultura Italiana, com execução de músicas de Tedeschi, Vivaldi, Correlli, Paisiello, Pergolesi, Pizzetti, Respighi, por algumas notáveis artistas portuguesas. O dr. Giacinto Manuppella falou sôbre *O Baroco em Itália*, expondo o problema da formação histórica da arte italiana no século XVII, e ilustrando a conversação com interessantes projecções; o director do Instituto, dr. Gino Saviotti, na palestra cultural *Lectura Dantis. Paraiso. C. III?*, traçou uma ampla análise do canto dantesco, descrevendo, com vivacidade, os episódios mais notáveis e recitando alguns versos do Divino Poema; o jornalista G. G. Napolitano, na sua conferência *Enviados Especiais*, descreveu a vida dos maiores redactores viajantes dos principais jornais internacionais, especialmente italianos; e o dr. Giuseppe Ressi realizou, também, uma brilhante palestra, versando o tema *A Lirica de amôr em Petrarca*, em continuação de *A Lirica de amôr em Dante*.

Na sede do Porto, o dr. A Pereira Coutinho realizou uma interessante conferência sôbre *Conceito da raça nos reis portugueses e em Mussolini*.

A todas estas manifestações assistiu um numeroso público, que, no final, aplaudiu entusiàsticamente os conferentes.

A Execução do Acôrdo Cultural

Com o regresso a Portugal de António Ferro, o ilustre Director do Secretariado da Propaganda Nacional, a obra de aproximação luso-brasileira por êle empreendida, sob a égide do govêrno de Salazar, vai entrar na sua segunda fase.

Daqui para o futuro, em virtude do Acôrdo Cultural Luso-Brasileiro assinado por António Ferro e pelo Dr. Lourival Fontes na presença do Presidente Getúlio Vargas, haverá entre os dois países um estado permanente de confiança, de colaboração, de entendimento, de acção comum.

As relações entre as nações das *duas margens do lago Atlântico* não estão agora sujeitas às flutuações da política interna dos dois países, nem aos acasos das visitas das pessoas categorizadas na política ou nas letras. Servindo-nos das próprias palavras de António Ferro diremos:

Portugal e Brasil *organizaram* a sua compreensão e a sua propaganda mútua, de modo que os corações portugueses e brasileiros possam em cada hora palpitar sincrònicamente e com a mesma vibração em face dos problemas que mais os interessam.

Ora a *organização* a que se refere António Ferro, e que abrange todos os aspectos da vida cultural e da propaganda de Portugal e do Brasil, corresponde, afinal, a uma íntima aspiração da alma dos dois povos.

Na verdade, a assinatura do Acôrdo Cultural Luso-Brasileiro está muito longe de ser apenas uma formalidade política ou diplomática. Por isso a sua execução vai ser facilitada pelo espírito de larga compreensão existente entre portugueses e brasileiros, essa mesma compreensão, essa mesma identidade de vistas que, no dizer de António Ferro, tanto facilitou a realização da sua obra:

—Devo dizer, porém, declarou o Director do S. P. N. aos jornalistas no momento da sua chegada, que a minha missão foi fácil, devido ao admirável e ardente acolhimento e ao entusiástico apoio que sempre recebi do ilustre Presidente Getúlio Vargas, do seu Govêrno, das entidades brasileiras, da colónia portuguesa, do Embaixador de Portugal, em suma, de tôda a gente com quem tive o enorme prazer de tratar e de conviver.

A viagem de António Ferro ao Brasil ficará, desta maneira, a marcar um acontecimento dos mais notáveis da nossa vida internacional dos últimos anos, acontecimento que terá de ser relembrado sempre que se produza um facto novo dentro do funcionamento do Acôrdo que êle concebeu e realizou.

Numa hora em que a aridez dos corações parece ser lei do mundo, Portugal e Brasil estendem-se as mãos das *duas margens do lago Atlântico* e afirmam uma solidariedade, fundada em identidade de raça, de tradições e de princípios, que tem de sobrepôr-se a todas as razões de interêsse e de geografia.

Segundo as palavras proferidas por António Ferro ao microfone da Emissora Nacional no momento da sua chegada, Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil, na hora da despedida, «afirmou-lhe com solenidade que podiamos confiar sempre no Brasil porque os brasileiros são os portugueses da América».

Perante a sugestão de António Ferro de que os portugueses devem convencer-se cada vez mais de que são os brasileiros da Europa, a todos os portugueses aparece esta consoladora e vibrante realidade: nesta hora cheia de gravidade que estamos vivendo num mundo devastado pelas chamas da guerra e do ódio, Portugal pode orgulhar-se de não se encontrar só; do outro lado do Atlântico os brasileiros estendem-nos as mãos e oferecem-nos uma solidariedade que é não só um gesto magnífico a documentar a excelência da nossa raça, como garantia de podermos olhar o futuro sem receio.

S.

Carta de Lisboa

Novamente Timor

A invasão da parte portuguesa da ilha de Timor pelas tropas japonesas foi novo motivo para Salazar, num vibrante e patriótico discurso, afirmar o nosso direito de soberania naquela longiqua possessão, agora tornada presa de interêsses e apetites que infelizmente não têm sabido respeitar a nossa tão completa e imparcial neutralidade. O Presidente do Conselho, protestando mais uma vez contra o atropêlo de que fomos vítima, sem que coisa alguma o justificasse, sem que a tal déssemos o mais leve motivo, marcou novamente a nossa linha de conduta e, sem palavras a mais ou a menos, sem expressões que pudessem não estar à altura da gravidade do momento, afirmou a sua convicção de que todos acabarão por saber fazer-nos justiça—o que equivale a dizer: respeitar os nossos direitos já que tão bem temos sabido cumprir os nossos deveres. Felizmente o país, compreendendo o acendrado patriotismo com que Salazar, nêste assunto como em todos os outros, tem sabido defender os interêsses pátrios, aproveitou o triste ensejo para mais uma vez acentuar a sua unidade em volta dos Chefes, que tão sábia e delicadamente têm sabido e podido engradecer Portugal.

Jubileu da Língua

Assim pode classificar-se a recente decisão da Academia de Letras Brasileira, ao resolver, por alvitre do Ministro da Educação Nacional do Brasil, que, de futuro, seja adoptado em tôda a nação irmã o sistema ortográfico proposto pelo Vocabulário que a Academia das Ciências de Lisboa, em 1940, elaborou e fez publicar. Com esta nova decisão atinge-se, finalmente, a desde sempre desejada unidade linguística.

Trata-se, porém, do resultado natural e lógico duma série de actos da maior transcendência, realizados pelos govêrnos de Portugal e Brasil através da sua admirável política de aproximação.

Razão teve, pois, o sr. dr. Julio Dantas para escrever, há pouco, sôbre o importante acontecimento:

«Se a unidade da língua portuguesa escrita existe hoje, devemo-lo antes de tudo (disse-o na Academia, mas nunca será demais repeti-lo), à clarividente política de aproximação luso-brasileira, levada a efeito por dois estadistas de extraordinário prestígio, que enobrecem, um a latinidade europeia, outro a latinidade americana: Getulio Vargas e Oliveira Salazar. Eis os grandes nomes que nos cumpre desde já apontar à gratidão nacional.

Palavras de inteira e absoluta justiça, elas revestem um maior significado precisamente por virem de quem vêm—o Presidente da Academia, que é, ao mesmo tempo, um dos maiores obreiros do acontecimento que ora celebramos.

Amisade Peninsular

O encontro entre o Generalíssimo Franco e Salazar, em Sevilha, constituiu mais um grande e extraordinário facto na história da tão íntima e admirável política peninsular. Espanha e Portugal deram, de novo, ao Mundo revolto de nossos dias um grande, um esplendoroso exemplo em que povos e nações muito e muito têm que aprender.

CORDEIRO GOMES

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Eduardo Coelho da Silva e a galante Maria de Lourdes Gamelas Cardoso, filhinha do tenente-médico sr. dr. Vitorino Cardoso, actualmente nos Açores; no dia 2 de Março, a sr.ª D. Gabriela Pereira Corado, esposa do sr. Edomeu da Silva Corado, inspector da Singer; o sr. Humberto Trindade, da firma Trindade, Filhos, e o Fernandinho, filho do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); em 3, a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia e também seu marido o coronel farmacêutico, sr. Francisco Marques da Naia; o sr. José Robalo Lisboa Júnior e o académico Henrique Ramos Guimarãis, filho do sr. Manuel José da Costa Guimarãis; em 4, a gentil D. Cedalina Diniz e os srs. Albano Henriques Pereira e Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 10; dr. Ernesto Nunes Vidal, médico no Pôrto, e José dos Santos Jorge, guarda-livros na mesma cidade; e em 6, o sr. José Ferreira da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company desta cidade.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo teve lugar, quarta-feira, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Ermelinda de Melo Picado, gentil e prendada filha da sr.ª D. Norbinda de Melo Picado, professora oficial, e de seu falecido marido, nosso amigo Firmino Picado, com o sr. dr. Augusto de Mendonça Pinho Sá Osório, chefe da secretaria judicial da Póvoa de Lanhoso.

A' cerimónia assistiram, além das famílias dos conjuges, outros convidados da sua maior intimidade, que durante o copo de água que se seguiu, fino e abundante, manifestaram ao ditoso par a satisfação de que estavam possuídos por ver convertido em realidade o sonho que alimentavam nos seus corações juvenis.

Da noiva, possuidora de dotes e predicados que enobrecem a mulher e que a hão-de tornar a dôce companheira do homem que a escolheu para Esposa, foram padrinhos a sr.ª D. Maria Ermelinda de Melo Conceiro Valente e o esclarecido clínico sr. dr. Eugénio Conceiro; e do noivo, de quem temos ouvido as mais lisonjeiras referências, seus tios, a sr.ª D. Alice Mendonça de Pinho Osório e marido, o sr. Augusto Monteiro Osório, residentes no Porto.

A sr.ª D. Maria Ermelinda apresentou-se com uma bonita toilette de tafetá branco a cuja cauda pegavam duas encantadoras creanças, tendo servido de damas de honor, as meninas Maria Emilia Cruz, Maria do Carmo da Maia Pinho e Maria Pereira de Melo.

A corbeille achava-se guarnecida de lindas e valiosas prendas.

Os recem-casados seguiram em viagem de núpcias para o norte do país, devendo, em seguida, fixar residência em Viseu.

O Democrata cumprimenta-os e deseja-lhes um futuro perene de venturas.

—Em casa de seus pais, o sr. Alvaro Dias de Melo e esposa, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, também se efectuou o consórcio da sr.ª D. Brice dos Santos Melo, com o sr. dr. António Fernandes Marques da Rocha, professor do nosso liceu.

O registo civil foi celebrado pelo digno conservador sr. dr. Fernando Moreira, seguindo-se a cerimónia do culto evangélico que foi presidida pelo sr. dr. Alfredo da Silva, ministro daquela religião, do Porto.

Por parte da noiva, que se distingue pela sua elegância, serviram de padrinhos o sr. dr. Francisco Soares e esposa, e pelo noivo, o sr. capitão Joaquim António Rebocho e também sua esposa.

Muitas felicidades.

—Foi há dias pedida para o comerciante sr. Francisco da Rocha Bastos, a mão da menina Salomé Borrego, que fez parte do Grupo Cénico do Club dos Galitos, a quando da representação da revista Ao Cantar do Galo, brilhando em cêna.

O enlace realizar-se-á brevemente.

Gente nova

Em Coimbra deu à luz um menino, a sr.ª D. Alda Ferreira Pinto, professora oficial e esposa do nosso assinante, sr. António Simões Pinto Júnior.

Parabens.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Carlos Ferreira e esposa, de Viseu; padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira, e António Gonçalves de Sousa, de Cacia.

—De visita a sua irmã e cunhado, a sr.ª D. Guiomar Machado F. Neves e o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão, também aqui estiveram os srs. dr. António de Sousa Machado, governador civil substituto do Porto, e capitão Alberto de Sousa Machado, comandante da polícia de Viana do Castelo.

Doentes

Recolheu à cama, com a saúde um pouco abalada, o nosso amigo João Mota, a quem desejamos breve restabelecimento.

Intolerável

O que se passou ante-ontem, depois da sessão do cinema, no Teatro Aveirense, não deve repetir-se, pois entendemos que o *cravanço* é impróprio do recinto.

Que a Emprêsa pondere, não nos obrigando a voltar ao assunto.

Livros

Faria de Castro et ses Dessins

Assim se intitula um pequeno opusculo da autoria de Mr. Emile Schaub-Koch, da Academia de Belas Artes de Gênes (Suiça) no qual são postos em relêvo alguns trabalhos de desenho do antigo professor do nosso liceu e elogiada, de maneira honrosa, a sua competência artística, os seus méritos, a sua cultura.

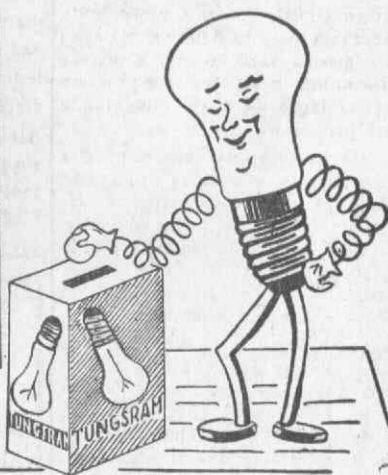
Agradecemos a oferta.

Assombroso!

Gladys Smithson saltou à corda 15.000 vezes seguidas, em duas horas, pouco mais ou menos, obtendo, assim, o título de az mundial da corda.

Anteriormente saltára 14.000 vezes em 103 minutos, o que lhe valeu o título de campeã da Inglaterra.

Isto não impede que a elegante inglesa saiba muito bem arranjar um bife de presunto com ovos e apanhar as malhas caídas das meias, antes de as dar às raparigas pobres, suas conhecidas.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Um poeta inquieto

por Jorge Vernex

Apareceu recentemente um novo livro de versos do médico dr. Vaz Craveiro. Denominei-o *um poeta inquieto* porque, de facto, o que triunfa na sua poesia é o conteúdo, a substância em si, resumindo as inquietações nacionais da hora presente: *espírito* e *terra*, isto é, aprofundamento do *eu*, pelo conhecimento da personalidade total, e trabalho dignificado pela honra da própria função. Chama-se *De mim, da terra e do mar*. O título não desmente a matéria da obra. *De mim...* mostra nos o homem, as suas dúvidas, as suas certezas, os problemas que o dominam, a sua formação mental. O médico, a desbravar a charneca dos corpos martirizados, ciente das almas que laboram por sob as dores e as cicatrizes; aflora também, sem dúvida, mas não é o materialista nem o descrente: é o metafísico digno de estudo que vai desde a crença em Deus até ao panteísmo lírico revelado sobretudo em... *da terra e do mar*.

Lendo com atenção as duas últimas partes da epígrafe e esforçando-nos por, na respectiva consubstanciação, descobrir o pensamento que ditou o Autor essas frases ressonantes, conclui-se naturalmente, sem grande esfôrço, que Vaz Craveiro, além do profissional diligente e competentíssimo, é um intelectual qne muito honra a sua terra—Ilhavo—e a quem esta deve estimar condignamente, pelo menos na proporção em que êle lhe canta o esfôrço de gerações sucessivas entregues à mesma faina: o amanho da terra úbere e às canseiras do mar tentador.

A região passa—ou fica?—nos versos de Vaz Craveiro, brôsca, magnífica, a falar às seduções tradicionais do homem que a vive e a tem como carne da sua carne. Estou em dizer que êle é mesmo um símbolo eloqüente—e expressivo pela sua cultura, pelos seus dotes intelectuais, pela sua sensibilidade—das ânsias seculares do habitante local. E o destino compraz-se, por seu lado, em desenvolver ali altos valores da geração presente. Basta-me, para comprová-lo, além de Vaz Craveiro, o meu queridíssimo professor e muito ilustre amigo Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, ornamento dos mais altos de que Portugal se orgulha. Mas outros escritores ali existem, entre êles o etnógrafo Diniz Gomes, para não falar já em Egas Moniz, dali próximo, ou em Júlio Diniz que por ali amou, se inspirou, padeceu e moldou, no seu espírito, as suas novelas mais célebres e mais portuguesas!

* * *

Na parte de psiquismo pessoal que estampou no seu livro, Vaz Craveiro deseja

«Criar, sentir, plasmar, dar expressão
A' chama que interiormente me consome,
Queima e arde...»

para

«Entender a coesão
Da pedra que por arte se moldou!...
Entendê-la e saber porque se torna
Na fixa permanência do que é forma!...
Sentir e conhecer,
Se o espírito é primeiro
Que o sentido em suas percepções...
E dizer e saber se a alma já não torna
Ao ventre donde veio—em novas gerações!...
Se a vida passa em curva ou em tangente,
Se foge ou se aproxima para Deus;
Se o fruto foi primeiro que a semente,
Quem rege a sinfonia aos astros pelos Céus!...»

Enfim

«Reter em nossa mão o pensamento
. . . .
Criar, compreender, viver, tornar palpável
Todo o ignoto de cada sensação
Que brota, reagindo, dentro em nós!...»

Até a metempsicose o preocupa: *saber se a alma já não torna ao ventre donde veio—em novas gerações*. Mas, dirigindo-se ao seu pensamento, diz-lhe:

«—Vês os reis e os mendigos
Na mesma carne, por fora,

apostrofando-o ao mesmo tempo:

. . . . . . —«Quem és
O' misterioso contraste
Que gritas nêstes meus versos?»

Contudo, o seu pauteísmo reflecte-se na *eternidade* que o domina, naquela ânsia absoluta de

«Ter a mudez eterna das muralhas
Confidentes do tempo, seculares!...
Integrar-me no eco das batalhas
E, liqüèfeito, errar na voz dos mares!...»

Ou então de

«Ter a sêde milenária das areias
Perdidas, num deserto indefinido!...»

A mística em que o poeta dabate as interpretações do SER tal como E' não lhe rouba o norte às verdades eternas, para alguma coisa lhe ouvirmos:

«Ai da carne que não perde.
Se a matéria é vencedora ..»

Esta idéa leva-o a *sentir* todas as misérias humanas «ao morrer do ser».

* * *

O auge dêste livro é, no meu entender, a poesia *Regresso*, belíssima de conceitos, segura na forma, sempre no mesmo nível de unidade desde o primeiro ao último verso:

«Como um romeiro que de longe fôsse,
Volvi à terra que me viu nascer...
—Outra luz na minh'alma de lá trouxe
Para melhor,—ó Terra, te aprender...»

Há nesta quadra um drama objectivo e anímico, o drama de quem, na cidade, noutros países, longe do seu meio-de-nascença, onde viveram e morreram os seus antepassados, não perdeu o sentimento afectivo que une o homem à terra que traz no corpo e conserva a carne morta de gerações que se lhe dedicaram, para as quais, entrementes, nunca foi ingrata...

«Que voz chamava de tão longe?—Venho
Mudado e outro; mas propus-me ser
Raiz dum vosso tronco—(estéril lenho!)
Que a tua seiva, Terra vai beber...»

Repare o leitor em como cada verso é um grito comovente, um nó da história em que se consomem os que—pese ao abseuteísmo, quantas vezes doloroso e amaldiçoado!—*podem* regressar...

«Sebes e vales, rio e pinheirais,
Fontes e casa donde fui:—agora
Ao filho errante nem, decerto, olhais,
Que a sua alma à vossa se incorpora!...
E à carne (de imperfeita e bruta argila)
A ânsia acalmareis, quando eu, adrede
Bebendo a vossa vida tranqüila,
—Vos der a bôca p'ra matar a sêde!...
Longe, eu ouvia a tua voz, baixinho,
Como quem chama, em sonho, um filho ausente.
. . . .
. . . .
Porque eu sabia que o milagre houvesse,
Senti, desperta, a comoção rural;
E a tua fala amiga quis viesse:
Dá-me o teu colo—ó Terra maternal,
Embala o meu dormir!...»...

Depois de falar nas «aleluias de amor à terra» e de invocar «vós outros que da terra andais cuidando», o remate:

«E seja a voz do meu rezar—a graça
Com que o Senhor me ungiu lá no baptismo;
Quc ji nos versos sinto a voz da Raça,
Quando, comigo, à Terra falo e cismo!...»

A poesia *Cavadores*, do mesmo género dos *Loucos*, não é menos significativa:

«Se a terra tudo nos dá,
Todos nós vamos lá ter...».

Porque

«E's terra, homem, que a terra
Bate no teu coração».

Como recompensa dos seus «olhos pagãos», dela

«...brotará pão,
Fartura da nossa mesa!...»,

naquelas «tardes de amor à terra!», em agosto, ao estender-se o braço para colher as suas dádivas tentadoras, quási divinas, em frutos lampos.

* * *

A rude labuta... *do mar*, o imenso da alma lusíada, o feiticeiro que nos levou longe e nos fez grandes, o promissor que nos despertará àmanhã, limita-se ao ritmo sem futuro e sem epopeia que arraste, à tormenta das pescarias:

«Ai como eu cismo, cismo
Na tua dor, ó pescador, que vais
(Sem ter unção)
Dormir, talvez sonhar e descansar
Lá bem pró fundo azul em teus batéis!...
Nesta voz de temporal medonho
Eu tenho a sensação e até suponho
(Com certeza) que lá aonde estais
Irá, junto de voz, a minha reza,
Crente que o vento a leva e ma escutais...
Vultos chorosos sôbre a orla tremem
Ermas de esperança as almas por viuvas;
. . . .
Morre a treva no céu sinistra e fria,
Sorri a aurora e a manhã desgarra.
—Anda no ar um réquiem de agonia:
Nem uma vela, só, aponta à barra!!!»

Mesmo assim, bondosos como a imensidão do oceano, os pescadores, verdadeiros estóicos, esquecem o perigo, entregues, na vida e na morte, a

«Estas novas galés dos nossos dias!...»

* * *

Repito: Vaz Craveiro conhece os limites da sua inquietação filosófica; e o problema social, a épica existência dos humildes, para que nada falte aos opulentos, não o leva para a descrença. A sua alma de poeta conhece o Verdadeiro e o Supremo:

«O' bôca pecadora:—sê calada,
Que a Terra sofre a germinar; vê bem:
—Tôda a harmonia (da existência ao Nada)
Deus a compôs—só Deus!—e mais ninguem...»

* * *

Ainda mais duas palavras indispensáveis sôbre o estilo poético de Vaz Craveiro.

Não me parece que os seus versos, na maioria, os mais significativos e pessoais, possam enquadrar-se nêsse «desvio passageiro» que é, segundo Amorim de Carvalho, a chamada escola *modernista*. Fortes na sua estrutura, com ritmos invulgares e rimas originais, a sua melodia tem de procurar-se na pontuação, chave da música própria de cada um.

Estas qualidades levam-no a não se confundir com máis ninguém e a dizer aquilo que o impressionou de modo que, ao lermo-lo, mais tarde, seja em que circunstâncias fôr, se evoque a idéa, o sentimento, o quadro em tôda a sua refracção através dos sentidos impressionados do Autor. E, assim, da figura obtida, se infere das relações entre a bruteza da terra ou do mar e as necessidades ideológico-artísticas da existência humana.

1-1-942

Conferência

Realiza-se uma, na próxima sexta-feira, pelas 21,30 horas, na sede do *Sport Club Beira-Mar*, pelo sr. dr. Frederico de Moura, que em Vagos exerce clínica.

Têma: *Vista de olhos dum médico sôbre o problema da criança.*

E' pública.

Sêlo raro

Há uns 30 anos foi comprado, em Inglaterra, um sêlo de 10 shillings com o carimbo *I. R. Oficial.* Quem o adquiriu deu por ê'e 15 shillings, guardou-o e esqueceu-se da sua existência. Resultado: ao encontrá-lo agora, negociou-o em Londres e recebeu 1.000 libras, que, para todos os efeitos, constitue uma fortuna!

Nem o volfrâmio...

Missa de sufrágio

Para comemorar o 4.° aniversário da morte da sr.ª D. Amélia Génio da Silva Barata de Lima, seu marido o sr. tenente José Barata Freire de Lima manda rezar uma missa, na igreja do Carmo, pelas 8,30 horas da próxima sexta-feira.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro

Ramal da E. N. n.º 27-2.ª classe — para Oliveira de Azemeis — trôço entre a Farrapa e Oliveira de Azemeis.

Faz-se público que no dia 3 de Março de 1942, pelas 14,30 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 200 m^3 de pedra britada de granito ou quartzo duro, no troço da estrada acima indicado.

Base de licitação.... 5.000$00
Deposito provisório. 125$00

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.

O processo do concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 21 de Fevereiro de 1942.

O Engenheiro Director,
J. P. A. Graça

NECROLOGIA

Com 85 anos deixou de existir na madrugada de terça-feira, a sr.a D. Maria Olinda Vilas Bôas do Vale, que o verão passado perdera o marido, o conselheiro sr. dr. Luís Pereira do Vale Júnior, que tanto se distinguira pelo seu irrepreensível porte e aprumo moral.

A veneranda senhora, possuidora de nobres sentimentos e acrisoladas virtudes, era natural do concelho de Lamego e desaparece rodeada dos carinhos que a sua avançada idade requeria, deixando dois filhos por quem era estremosa: a sr.a D. Fernanda do Vale Pires, viuva do antigo reitor do Liceu sr. dr. João Pires, de saüdosa memória, e o sr. dr. Carlos Vilas Bôas do Vale, Juiz de Direito em Caminha.

O seu funeral efectuou-se no dia seguinte, saindo do palacete que habitava na Rua Manuel Firmino, para o cemitério central, com selecto acompanhamento em que se destacavam os dois juízes e delegado da comarca, professores do Liceu e outras pessoas de representação. Da chave da urna, que foi conduzida no auto dos Bombeiros Guilherme G. Fernandes, foi portador o sr. dr. Alvaro Sampaio, vice-reitor do Liceu e íntimo da casa.

A' ilustre família e em especial ao sr. dr. Carlos do Vale e irmã, apresenta *O Democrata* o seu cartão de condolências.

* * *

Após prolongado e doloroso sofrimento, finou-se no mesmo dia, com perto de 50 anos de idade, a sr.a D. Conceição Ferreira Ramos Moreira, esposa do comerciante sr. Jeremias dos Santos Moreira, de cujo matrimónio não existem filhos.

A inditosa aveirense, que desaparece aos estragos duma grave enfermidade, era irmã dos distintos fotógrafos João e Henrique Ramos e dos srs. José Ramos e António N. F. Ramos, proprietário do *Ultimo Figurino* e cunhada dos srs. Manuel José da Costa Guimarãis, da *Imprensa Universal*, e Epifanio Rodrigues Lima, ausente no Brasil.

Foi sepultada no cemitério novo, aonde a acompanharam os Bombeiros Voluntários, um grupo de senhoras conduzindo lindas gerbes com dedicatórias e muitas outras pessoas das relações dos doridos.

A Jeremias Moreira, ferido no seu coração de marido estremoso e a tôda a família Ramos, as nossas condolências.

* * *

No próximo lugar de S. Bernardo acabou os seus dias o rev.o Manuel da Cruz Pericão, que durante muitos anos paroquiou a freguesia de Eixo.

O seu cadáver, depois dos ofícios de corpo presente, veio para esta cidade, tendo-se incorporado no entêrro as crianças da escola, diversas irmandades, seminaristas, colegas do extinto e outras pessoas, principalmente da freguesia de Aradas, onde tinha alguns parentes.

Era dos sacerdotes mais nutridos destas circunvisinhanças, contando agora 64 anos.

* * *

No Pôrto também morreu, há dias, uma velhinha de nome Emilia da Silva Lemos, natural desta cidade, onde teve casa de hóspedes num prédio que foi demolido, próximo da igreja de S. Gonçalo.

Era conhecida pela *senhora Emilinha*, tinha 87 anos e no último quartel da vida foi recolhida pelo sr. Américo Teles, funcionário dos correios, ali de Ilhavo e seu comensal que, olhando à precária situação da velhinha, se compadeceu do seu infortunio.

Nobre gesto o dêste ilhavense, que aqui registamos e que só o dignifica no meio de tanto egoísmo e tanta miséria moral.

Correspondências

Eixo, 24

A ilustre família Rego acaba de sofrer mais um duro golpe: em Lisboa, onde se achava há bastante tempo doente, sucumbiu aos estragos duma pertinaz enfermidade, a menina Maria José Mota de Melo Rego Afreixo, com 13 anos, apenas, filha única do dr. Jaime de Melo Rego Afreixo e neta do almirante Jaime Afreixo, há pouco falecido. A tôda a família, mas especialmente a seus desolados pais, que ficaram mergulhados na mais acerba dor, pois não houve nada que não fizessem para a salvar, o nosso profundo pesar.

—Em S. Bernardo, para onde tinha retirado há pouco mais de um ano, e onde adoecera há três meses, faleceu com 64 anos o nosso estimado ex-pároco, o reverendo Manuel da Cruz, que com bastante proficiência paroquiou esta freguesia durante 33 anos e onde criou sólidas amizades. O seu funeral foi muito concorrido e nêle tomaram parte, alem da Irmandade do Santíssimo, de que o falecido foi alguns anos juíz, elevado número de pessoas desta freguesia.

Que descanse em paz o saüdoso amigo.

—Também por aqui estão faltando certos géneros de primeira necessidade, como açúcar, arroz, bacalhau, etc.

—Numa das noites da semana passada os gatunos tentaram assaltar a casa do lavrador e proprietário do talho, Manuel Nunes Marques Dias e também a estação do caminho de ferro do V. Vouga, mas, tendo sido presentidos, puseram-se em fuga.

- Em Coimbra, onde se encontra a concluir a sua formatura em medicina, viu há dias enriquecido o seu lar com o nascimento dum robusto e primogénito varãozinho, o nosso amigo João da Rocha Machado.

C.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul.
4,26 (recov.)	0,24 (correio)
6,37 (tram.)	11,15 (»)
13,23 (rápido)[1]	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,34 (rápido)[1]
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. às 21,07 que não segue.

(1) Só às terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,56	6,29
13,31 (1)	10,33
15,50	11,06
17,31 (2)	19,21
19,42 (3)	

(1) A's terças e sextas-feiras.
(2) Aos domingos, segundas, quartas, quintas e sábados.
(3) Só até Agueda.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro

Ramal da E. N. n.o 28-2.a classe—para a E. N. n.o 29-2.a (proximidades da Feira).

Faz-se público que no dia 4 de Março de 1942, pelas 15 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 300 m3 de pedra britada de granito ou quartzo duro, no trôço da estrada acima indicado.

Base de licitação.... 8.400$00
Deposito provisório. 210$00

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.

O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 21 de Fevereiro de 1942.

O Engenheiro Director,

J. P. A. Graça

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Junta Autónoma de Estradas

Direcção dos Serviços de Conservação

Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro

Ramal da E. N. n.o 32-2.a classe —para a Estação de Paradela—nos troços entre Oliveira de Azemeis e o Caima e Sever do Vouga e a Estação de Paradela.

Faz-se público que no dia 3 de Março de 1942, pelas 14,45 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada de fornecimento de 185 m3 de pedra britada de granito ou quartzo duro, nos troços da estrada acima indicados.

Base de licitação.... 4.070$00
Depósito provisorio. 102$00

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.

O processo de concurso, incluindo o respectivo programa, acha-se patente todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 21 de Fevereiro de 1942.

O Engenheiro Director,

J. P. A. Graça

AVISO

TERCEIRA PRAÇA

No próximo dia 1 de Março próximo futuro, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro, proceder-se-á à venda em Leilão das dividas activas que ainda se encontram por cobrar do falido Pompeu da Costa Pereira.

Vão à praça por qualquer valor.

Aveiro, 23 de Fevereiro de 1942.

O Administrador da Massa Falida,

Manuel da Cruz e Sousa